



TÍTULO: Feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento das mulheres negras de Campinas.

Aluna: Amanda de Souza de Araújo

Orientadora: Profa. Dra Lais Silveira Fraga

1. INTRODUÇÃO

Uma maneira de compreender o feminismo negro é por meio da sua organização como movimento social. Segundo Evelina Dagnino (2000, p. 80) na sociedade brasileira, “os movimentos sociais contribuíram para dar novo significado às relações entre cultura e política em suas lutas pela democratização”. No período pós ditadura os movimentos sociais começam a ter visibilidade, exercer a liberdade política, ideológica e identitária ultrapassando as barreiras das instituições políticas. As articulações dos movimentos não se restringiam somente à luta por direitos, mas também propunham a reconfiguração do conceito de cidadania permeado por questões de classe, raça/etnia, gênero, geração etc.

Os movimentos sociais são incorporados pela multiculturalidade, o que fomenta a construção da sua própria identidade. Gohn, aponta que:

possuem identidade, têmpositor e articulam ou fundamentam-se em um projeto de vida e de sociedade. Historicamente, observa-se que têm contribuído para organizar e conscientizar a sociedade; apresentam conjuntos de demandas via práticas de pressão/mobilização; têm certa continuidade e permanência. Não são só reativos, movidos apenas pelas necessidades (fome ou qualquer forma de opressão); podem surgir e desenvolver-se também a partir de uma reflexão sobre sua própria experiência (GOHN, 2011, p. 336)

Mesmo diante da justificativa da existência dos movimentos de caráter social, a esfera pública possui mecanismos de seleção que determinam quais atores ou grupos terão voz. Nesse contexto, minorias étnicas, grupos discriminados e mulheres são excluídos a priori da esfera pública ou possuem nela um lugar subordinado (AVRITZER; COSTA, 2004).

Ainda que a questão dos movimentos sociais seja complexa e tenha diferentes perspectivas, neste artigo, o feminismo negro enquanto movimento social, será analisado a partir desta perspectiva. O objetivo da pesquisa se fundamenta no estudo de caso dos movimentos das mulheres negras de forma a investigá-lo dentro do seu próprio contexto e analisar as atividades realizadas pelo movimento durante os anos antecedentes à Marcha das Mulheres Negras de 2015. Buscamos alçar os impactos gerados na comunidade feminina negra Campineira, as contribuições para o fortalecimento da Frente das Mulheres Negras de Campinas e Região, os principais dificultadores e facilitadores desse processo.

A pesquisa foi endossada por um estudo qualitativo e exploratório baseado na Frente De Mulheres Negras Campinas. Movimento esse, que possui suas raízes na militância feminista, negra, periférica e das culturas de matrizes africanas.

A Frente de Mulheres Negras de Campinas começou a ser construída no dia 25 de julho de 2015, quando reunidas na Casa de Cultura Tainã, nós, mulheres negras de diferentes coletivos, organizações, entidades e movimentos sociais pactuamos construir ações permanentes de combate e erradicação do racismo, machismo, sexismo e pobreza.(Manifesto da Frente de Mulheres Negras de Campinas, 2015)

Um dos motivadores da organização do movimento da Frente das Mulheres Negras de Campinas, foi motivado pela Marcha das Mulheres Negras, evento nacional de caráter identitário e político que ocorreu em julho de 2015 em Brasília, deste modo, a pesquisa se norteou por esse evento.

Embora o movimento de mulheres negras também contemple a esfera estadual e nacional, estudaremos o âmbito de Campinas, pois é o epicentro da região metropolitana da grande Campinas.

2. OBJETIVO

O presente projeto tem como objetivo compreender e analisar a articulação do feminismo negro contemporâneo, partindo de um estudo de caso sobre a Frente De Mulheres Negras De Campinas e Marcha das mulheres negras também Campinas. Com o intuito de atender esse objetivo, a pesquisa prevê:

- a. Alçar o contexto histórico do movimento feminista e inserção do movimento feminista negro nas estruturas sociais enquanto movimento organizado.
- b. Apresentar o movimento da Frente De Mulheres Negras De Campinas e Marcha das mulheres negras, a composição e as lideranças do movimento, como se articulam internamente em relação a conformação da agenda e as quais as demandas articuladas pela região da capital.
- c. Analisar os principais fatores facilitadores que contribuem para o êxito e propagação do movimento e os obstáculos que enfrentam desde a esfera organizacional à âmbito social político. E levantar os maiores gargalos que dificultam a comunicação com as políticas públicas do município.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi fundamentada por um estudo qualitativo e exploratório para a obtenção dos resultados satisfatórios. Creswell (2007) define a abordagem qualitativa como sendo “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Deste modo, realizamos um estudo de caso com a Marcha das Mulheres Negras de Campinas e a Frente De Mulheres Negras De Campinas endossado por, revisões bibliográficas acerca da tematica norteada por “movimento negro”; “movimento das mulheres negras”; “movimento feminista”. Análise de documentos digitais como cartas - manifestos. Para a realização das entrevistas, foi elaborado um instrumento metodológico pautado na semi estruturação de um questionário norteador das perguntas.

O objetivo das entrevistas semi-estruturadas foi compreender qual a relação do protagonismo negro feminino com o meio, utilizando como objeto de estudo de campo a Frente das mulheres negras de Campinas. Com

finalidade identificar a história da articulação do movimento, as principais conquistas e gargalos, composição das membras, desafios municipais, a ideologia sobre o que entendem sobre a temática e a importância do movimento feminista negro, além de perpassar a trajetória de vida das lideranças.

As entrevistas em profundidade foram realizadas após ter sido feito o levantamento bibliográfico. O momento da entrevista foi decidido pelas entrevistadas, data e horário que elas desejaram. Para isso, foi solicitada autorização das entrevistadas e aplicação do Termo de Consentimento - TCLE.

As entrevistas foram gravadas utilizando aplicativo apropriado e transcritas pela própria pesquisadora autora do projeto e realizadora das entrevistas. Os áudios, que serão sigilosos com acesso somente da pesquisadora e de sua orientadora permanecerão com a pesquisadora por 5 anos após a entrega do Relatório Final de Iniciação Científica

4. RESULTADOS OBTIDOS

A partir da revisão bibliográfica, podemos concluir que o conceito de gênero é uma das vertentes de articulação de poder, Scott (1995) discute que é por meio dele que se legitima e constrói-se as relações sociais. Em solo brasileiro o papel da mulher, em suma, da mulher negra é negado e silenciado na formação da cultura nacional, além de ser marcado pela histórica violência racista e sexista sofrida pelas ancestrais negras. Sueli Carneiro (2011) aponta uma justificativa sexista referente ao patriarcado e o mito da fragilidade feminina, tal papel incomparável dada as condições inigualáveis de acesso, vida e trabalho de mulheres brancas e negras.

Dada tal problemática, uma das formas de expressão da democracia representativa da sociedade, é por meio de movimentos sociais, e por essa organização que feminismo negro se articula. O movimento negro brasileiro alcança maior visibilidade e amplitude a partir do enfraquecimento do regime ditatorial e a construção da constituição cidadã que possibilitou reivindicações contra atos discriminatórios tivessem amparo da lei. No entanto, em meio às conquistas do movimento, nasceram reflexões sobre o papel de manutenção que a mulher negra desempenhava dentro do movimento negro e desencadeou a necessidade de articulação das mulheres negras. A perspectiva se pautava em discussões de raça e gênero, além de mulheres que ocupassem dentro desse espaço posições de liderança.

Em cenário campineiro, uma das motivações para articulação do movimento Frente das Mulheres Negras de Campinas e Região, foi o evento Marcha das mulheres negras com a temática “Marcha Contra O Racismo, A Violência E Pelo Bem Viver” que ocorreu em Brasília em 2015. Realizamos uma entrevista virtual com Alessandra Ribeiro, doutora em urbanismo, especialista em gestão compartilhada, mestra da Comunidade Jongo Dito Ribeiro, ex-gestora da Casa de Cultura Fazenda Roseira, mãe de santo e autora do livro “Jongo e Ancestralidade: Salva-guarda e a preservação sob o olhar dos detentores”, a fim de compreender questões relacionadas ao início e articulação da FMNCR. Alessandra Ribeiro afirma que

eu penso que quando iniciou o processo aqui de campinas, de mobilização da frente, o que estava em pauta é um fortalecimento dessas mulheres, em especial mulheres negras numa outra perspectiva; Porque de modo geral, nós mulheres negras sempre sofremos do campo do feminismo exclusão, as pautas necessariamente feminista não atendem a nossa especificidade enquanto mulheres negras, periféricas, e enquanto mulheres negras em nosso emocional, espaço de liderança... as vezes não tem espaço para acolhimento. Eu penso que apesar da frente ter uma perspectiva política, construção de

política pública, foi o primeiro espaço de acolhimento e uma oportunidade de unir mulheres em prol do cuidar-se, e isso deu muito certo.

Tal expressão amparasse no que Lemos (1997) aponta sobre sentimento de negação e banalização por parte do movimento feminista, no que se refere as bandeiras e demandas enatecidas cotidianamente por mulheres negras. A FMNCR é um grupo inteiramente formado por militantes de cerca de 19 movimentos sociais, associações, coletivos e entidades da região. Na articulação, as membras representavam os movimentos que já pertenciam previamente, o que corroborou na unificação da agenda do movimento. A proposta da unificação das agendas não era apenas para a ida à Marcha, mas também em razão de um contexto social e político mais plural, diverso e acessível.

A Marcha das Mulheres Negras ocorreu em 18 de novembro de 2015 em Brasília e contou com a participação de mulheres de diversas entidades e movimentos. O evento começou a ser idealizado no Fórum Afro XXI na Bahia em 2011, tal encontro priorizava a reflexão sobre a realidade da população negra nos países da América Latina e do Caribe. No ano seguinte, iniciou o projeto de realização de oficinas responsáveis pelas primeiras deliberações em torno da marcha, e também definição do nome da passeata: Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver. Abdalla (2020) também aponta para a estruturação de comitês impulsionadores que davam encaminhamento às demandas para estados e municípios para viabilização da marcha.

Os primeiros meses da formação da FMNCR foram a conformação da agenda de movimento e articulação das atividades que poderia viabilizar financeiramente a ida das mulheres à marcha. As plenárias foram realizadas meses antecedentes ao evento, e uma das propostas do movimento foi a realização de saraus abertos, nominados como “Sarau das Aliadas” para obter recursos. Esse espaço também contava com apresentações da FMNCR, apreciações musicais, artísticas, manifestações de repúdio quanto a eventos de racismo e machismo.

Em 2016 após a participação histórica da FMNCR na Marcha, segundo Abdalla (2020) o movimento migrou para uma nova fase de atividades como encontros, formações, oficinas, rodas de conversa, protestos e atos. Também marcaram presença em debates e sessões solenes na Câmara dos Deputados com o conselho tutelar e audiências públicas. Os saraus passaram a ter uma centralidade diferente, sem o objetivo de arrecadação de recursos, e se tornou em espaço de interação, mesmo permanecendo com um caráter social- político. Ainda neste ano, a FMNCR organizou dois saraus referência no movimento, o “Femenagem”, nome sob a intersecção entre feminínio e homenagem, onde celebravam um ano de existência na Casa de Cultura Tainã. E o sarau realizado juntamente com a Audiência Pública da Juventude Negra e de Periferia que contou com uma série de grupos da juventude, cursinhos populares, organizações pró-cotas, ONG 's, totalizando mais de 150 pessoas.

A partir do segundo semestre de 2017 a mobilização da FMNCR sofreu uma redução. Mesmo realizando novas atividades em setembro daquele ano, divergências acarretaram no racionamento das atividades. Durante a realização da entrevista, questionei a entrevistada sobre a articulação do movimento durante a pandemia, Alessandra Ribeiro afirmou que “Tem mulheres negras, que têm um grupo de WhatsApp dessas mulheres que passam por algumas discussões, temos a questão da pandemia que impediu os encontros, mas eu não saberia te dizer como está a organização para a pós marcha.” A entrevistada também menciona que no mês de julho, em virtude ao mês da mulher negra latino caribenha, houve a mobilização de mulheres independentes e, participantes de movimentos sociais. Assim, houve a construção de atividades como intervenções na Casa de Cultura Fazenda da

Roseira, mesas de debate, entre outros. No entanto, salienta que “todas essas mulheres independentes, fizeram parte da frente, e a frente é essas mulheres”.

5. REFERÊNCIAS

ABDALLA, Julia de Souza. Alianças, encontros e margens: feminismos negros e interseccionalidade na Frente de Mulheres Negras de Campinas e Região. 2020. 1 recurso online (395 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

AMNB [Articulação de Mulheres Negras Brasileiras]. Marcha das Mulheres Negras. E-book, 2016. Disponível em: <http://fopir.org.br/wp-content/uploads/2017/01/e-bookMMnegras200916.pdf>.

AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sergio. TEORIA CRÍTICA, DEMOCRACIA E ESFERA PÚBLICA: CONCEPÇÕES E USOS NA AMÉRICA LATINA. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/JXGzKBs85SLRcMbMq98brqf/?lang=pt>

_____. Lembrando Lélia Gonzalez (1935-1994). In.: Afro-Ásia, no.23, 2000. S/p. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20990/13591>

BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez. Dissertação de Mestrado em História, PUC-Rio, 2005.

Conhecimento como práxis emancipatória: o caso da Frente de Mulheres Negras de Campinas e Região. In.: Anais FG11WW13, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499472297_ARQUIVO_Conhecimentocomopraticaeemancipatoria.pdf . Acesso em setembro de 2018.

Carta das Mulheres Negras 2015 . Disponivel em:

<http://fopir.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Carta-das-Mulheres-Negras-2015.pdf>

_____. A organização nacional das mulheres negras e as perspectivas políticas. In.: Cadernos Geledés, IV. São Paulo: Geledés – Instituto da Mulher Negra, 1993b

_____. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. In.: Revista Estudos Feministas, vol. 22, no.3, 2014, pp. 965-986. _____. História das mulheres negras e pensamento feminista negro: algumas reflexões. In.: Anais do Fazendo Gênero 8, 2008.

GOHN, Maria. MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCKCRVp/?lang=pt&format=pdf>

JAQUETTE, Jean S. Introduction. In.: JAQUETTE, J. (Ed.). Feminist Agendas and Democracy in Latin America. Durham: Duke University Press, 2009.

STERNBACH, Nancy; NAVARRO-ARANGUREN, Marysa; CHUCHRIK, Patricia; ALVAREZ, Sonia. Feministas na América Latina: de Bogotá a São Bernardo. In.: Revista Estudos Feministas, no. 2, ano 2, 1994. Pp. 255-295.